

Rua Sacadura Cabral e Zona Portuária: uma viagem no espaço e no tempo rumo à Maravilha

Rua Sacadura Cabral and the Port Zone (Docks): A journey through space and time

Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ (PPGEO-UERJ);

licenciado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF);

especialista em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro

pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);

professor da Rede Pública Estadual e Municipal do Rio de Janeiro

paulomauriciorangel@gmail.com

RESUMO:

O presente estudo da zona periférica ao Centro visa iluminar os processos decorridos na rua Sacadura Cabral ao longo de sua trajetória geográfica e temporal, de maneira a compreender as vicissitudes desta área na geografia atual do município do Rio de Janeiro. A fim de atingir tal objetivo, este artigo resumidamente abarca desde a gênese da área até os processos atuais que aí vicejam. Em seguida, são investigadas as funções delineadas ao longo da rua Sacadura Cabral hodiernamente, sob o foco de empreendimentos que diferenciam áreas existentes dentro de um mesmo logradouro. Por fim, problematizamos a intervenção estatal que ocorre neste espaço e que, sob a égide de grandes investimentos infraestruturais, tendem a modificar o traçado em análise.

Palavras-chave: lugar; Sacadura Cabral; diferenciação de áreas.

SUMMARY:

The present study of the peripheral area of Rio de Janeiro's Centro (Downtown) district aims to highlight the processes that rua Sacadura Cabral underwent over time and along its geographic course so as to understand the vicissitudes of this area within the current geography of the municipality of Rio de Janeiro. In order to attain this objective, this article briefly spans the beginnings of the area to the processes presently underway. This will be followed by a study of the distinct activities along the current rua Sacadura Cabral defined in accordance to the location of the commercial enterprises established the length of this public space. The study concludes by examining the government intervention occurring in this area that, under the aegis of major infrastructure investments, tends to alter the course of the street under analysis.

Key words: place; Sacadura Cabral; differentiation of areas

Introdução

Em tempos de mudanças cada vez mais rápidas neste alvorecer de século XXI, torna-se ainda mais importante o olhar espacial. Os fixos e os fluxos ornamentam e conferem luminosidade a múltiplos espaços, em lógicas tão variadas quanto os agentes que implementam estes deslocamentos e/ou se põem em movimento. Inserido em um mundo de viscerais transformações, é a parte da área central da cidade do Rio de Janeiro que vai ao encontro de meus estudos e objetivo maior de meu levantamento geográfico. Inserido em um mundo de viscerais transformações e movimentações, para o geógrafo Yi-Fu Tuan, “a Geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1991, p. 89). Em contraposição a este cenário de intensas movimentações, tomaremos o lar como uma pausa, como uma longa e lenta respiração em um mundo de fugacidades¹. Ao ter como guia as ideias de Tuan, no decorrer deste estudo geográfico pretendemos realçar o homem e seu mundo, em um espaço em mutação.

De acordo com Denis Cosgrove, somos geógrafos a todo momento, estando a Geografia em toda parte (COSGROVE, 1998). Nesta curiosidade geográfica, a multiplicidade de lugares e a explosão de centralidades em um único espaço urbano sempre foram objeto de fascínio (MELLO, 2002), assim como as espacialidades de grupos sociais distintos, portadores de diferenciados lugares. Tais injunções engendram uma heterogeneidade muito característica da cosmopolita metrópole carioca. Neste contexto, as transformações pelas quais a cidade do Rio de Janeiro passou ao longo da organização de seu espaço ganham bastante relevo. A cidade, outrora reconhecida como o “túmulo dos estrangeiros” (SEVCENKO, 1984, p. 48), hoje ostenta a alcunha de “Cidade Maravilhosa”. É instigante imaginar como e porque ocorreram estas transformações, quem foram seus atores, e se existiram processos contra-hegemônicos. Todas estas indagações podem vir à tona quando observamos, principalmente, o Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Não obstante, algumas localidades nos convidam a ter um olhar especial pelo seu poder de resistência. Ao caminharmos pelo Centro da cidade do Rio, nos confrontamos com uma área *core* para os negócios, gestão e movimentos que emanam e são irradiados da e pela cidade. A rapidez dos fluxos, ornamentados pelas torres, sedes de grandes empresas, destoa bastante da contiguidade espacial da área. De um lado, observa-se a verticalização do núcleo central com edificações de diversos patamares e, nas circunvizinhanças, o domínio de uma área assobradada repleta de funções “pouco nobres”, tais como bares, mercearias, residências unifamiliares e plurifamiliares. Nesse caso, faço uma alusão direta à zona portuária da cidade, que pode ser entendida como uma porção espacial diferenciada do seu entorno.

O recorte espacial utilizado para este artigo, que tem como substrato o material de pesquisa coletado e produzido ao longo de minha trajetória acadêmica (na graduação e na especialização), culminando com a atual pesquisa para o mestrado no PPGEIO², é a rua

Sacadura Cabral. Hodiernamente, a zona portuária é atravessada por investimentos que tendem a modificar os traçados iniciais implementados em tempos de outrora, conduzindo-nos a outra atmosfera, a outras sensações no espaço e tempo. Sob a chancela da Prefeitura da Cidade, o logradouro passa por um processo de reurbanização. As obras implementadas nas proximidades da rua Camerino e Barão de Teffé modificam o afluxo de transeuntes e automóveis na área em destaque. Seguindo por esta linha de raciocínio, este artigo cumpre a função de sintetizar parte da história espacial dessa localidade e problematizar impactos futuros dessa “febre” empreendedora que tem solo no referido ponto da urbe carioca. Cumpre ressaltar que parte do material de análise foi recolhido no período anterior ao início das obras do projeto Porto Maravilha no logradouro. Dessa maneira, o objetivo central aqui é fornecer subsídios para pensarmos o logradouro de maneira holística, no passado, presente e futuro do recorte em tela e suas implicações para o conteúdo social do espaço.

Um breve histórico do espaço em questão

A metrópole carioca apresenta características espaciais muito específicas. Para entendermos como a materialização destes fixos foi consolidada e concebida, é necessário mergulharmos nos processos e nos lugares da cidade. Nesta análise, faço um recorte espacial que se restringe apenas a uma, todavia, a partir de janeiro de 1502, quando foi descoberta a Baía de Guanabara. Nem tampouco farei uma leitura minuciosa arrolando eventos ocorridos no Centro do Rio. Efetuarei uma leitura que busca identificar as raízes de um espaço diferenciado em relação ao seu entorno imediato e mediato.

Tendo sua fundação em meados do século XVI, a cidade inicialmente se concentrava basicamente entre os morros de São Bento, Santo Antônio, Conceição³ e Castelo. Segundo Rabha (1984), as constantes inundações provocadas pelas marés mais altas inibiu o crescimento geral da área, direcionando as ocupações para o alto dos morros⁴. É interessante notar que mais tarde este modelo de ocupação seria combatido, em face da vitória do homem urbano na luta contra os mangais e os brejos. O uso da área, durante os séculos XVI e XVII, ainda é bastante precário, não tendo uma “destinação específica” (RABHA, 1984, p. 81).

No decorrer do século XVIII, a cidade ganha um novo vigor com a função de capital do Vice-Reino do Brasil, em 1763. A corrida do ouro que de Minas Gerais era escoado para o Rio de Janeiro trouxe com sua exportação significativos impactos para a cidade. Na esteira deste processo, reformas eram necessárias para que a população crescente ficasse mais bem alocada e as condições de saúde e de higiene fossem mais adequadas para o atual status da cidade. Em nome dessa higienização da área central da cidade, o marquês de Lavradio, em 1769, transfere os galpões de escravos do Centro para o Valongo, região situada entre a Gamboa e a Saúde, considerada pestífera e de topografia acidentada, de difícil acessibilidade. De acordo com Rabha,

Deve-se pois, aos escravos, a ocupação efetiva do litoral norte. Antes, apenas um reduto de pescadores, é ele tornado agora o polo de compra de uma mercadoria que viabiliza a economia e a vida da cidade (RABHA 1984, p. 83).

De forma geral, esta foi uma medida que contribuiu muito para a estigmatização da área por parte dos macroatores da época. Os usos de solo e modos de vida da população oriunda e transplantada da África eram tidos como irracionalidades para as elites locais, por serem contrarracionalidades à ordem vigente e hegemônica.

Ainda na referida escala geográfica, a escolha do sopé do Morro da Conceição para a construção de uma prisão, que enclausurava os que eram tidos como inimigos da igreja, foi emblemática. O Aljube, como era chamado, foi uma construção do bispo Guadalupe, que seria posteriormente utilizado por D. João VI (BRASIL, 2000)⁵, transformando-o em depósito de presos em geral da cidade do Rio de Janeiro, aumentando o estigma de lugar de expurgo da área. As condições de higiene e de salubridade da prisão eram as piores possíveis, o que causava repulsa à população que a via ou ouvia. Segundo Brasil,

Nelas, os imundos, andrajosos e acorrentados galés viviam em contato com os transeuntes aos quais ofereciam os toscos objetos de sua fabricação, para melhorar de passadio com os vinténs ganhos. Com efeito, era de caridade pública que se alimentavam eles, pois o Estado não lhes dava comida (BRASIL, 2000, p. 142).

Como síntese, ao longo do século XVIII, usos de solo tidos como “sujos” pela população se *standardizaria*, mediante o padrão europeu que iria se implantar na cidade no século consecutivo, e transformariam o perímetro que atualmente conhecemos como portuário em uma “ilha” dentro da própria cidade. O século XIX alvoreceu com a chegada da família real portuguesa às terras tupiniquins. Não obstante o impacto inicial da chegada da Corte, a cidade teria ao longo do século XIX e XX um crescimento populacional realmente impressionante. A morfologia da cidade ficaria bastante alterada com os subseqüentes períodos governamentais que atravessaria. A criação do Cemitério dos Ingleses, na Gamboa, é uma obra do então D. João VI para que os vencidos pelas moléstias tropicais, vindos em embarcações inglesas, fossem enterrados, uso que já era conhecido no bairro com o Cemitério dos Pretos Novos. A construção deste fixo espacial viria a reforçar bastante a imagem negativa da cidade como “túmulo de estrangeiros” (SEVCENKO, 1984)⁶ para o cenário internacional.

O crescimento do comércio e o aumento das atividades portuárias, face ao aumento da população citadina, fizeram com que a atividade portuária fortalecesse ainda mais a “vocação” do local (RABHA, 1984)⁷. O café e outros gêneros vindos de Minas Gerais e do Vale do Paraíba alavancaram esse processo, sendo significativo o número de trapiches instalados no litoral da Saúde e da Gamboa. Tal fato merece uma análise mais atual, pois alguns deles se encontram em plena utilização na contemporaneidade.

Na segunda metade do século XIX, a mobilidade espacial era privilégio de poucos, sendo observadas distinções no conteúdo social do espaço das freguesias urbanas da época. Nesse

prisma, as freguesias de Santa Rita e Santana, que dariam origem aos bairros de Saúde, Santo Cristo e Gamboa, eram marcadas por possuírem uma população extremamente carente, tanto a livre como a escrava, e de residir próximo aos seus locais de emprego (ABREU, 2008)⁸. No entanto, desde 1875, propostas de urbanistas e sanitaristas (oriundos da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro) aconselhavam o Estado a alargar e retificar várias ruas, para ampliar a higiene e facilitar a circulação entre seus diversos pontos, conferindo mais beleza e harmonia às suas construções, aumentando até a ventilação das casas e das águas pluviais (ABREU, 2008)⁹, teses essas que previam o que viria a ocorrer, pouco mais de um quartel de século mais tarde, na paisagem urbana, implementando uma transformação muito grande e até mesmo drástica na cidade.

O inaugurar do século XX foi de extrema efervescência empreendedora e arquitetônica para a cidade. A posição do Brasil como o maior produtor mundial de café, aliada aos primeiros momentos de um país republicano, fez com que o país necessitasse de uma nova roupagem para a sua capital, que era o seu “cartão de visitas” para os que chegavam do “estrangeiro”. A cidade era foco endêmico de uma infinidade de moléstias: febre amarela, febre tifóide, impaludismo, varíola, peste bubônica, entre outras. Destas, a febre amarela e a varíola eram as que ceifavam o maior número de vidas¹⁰. Em 1903, orientados pelo sanitarista Oswaldo Cruz, brigadas sanitárias percorriam ruas desinfetando, limpando, exigindo reformas, removendo doentes. Os alvos principais eram as áreas mais pobres e de maior densidade demográfica. Segundo o depoimento de um delegado de Saúde, em 1904, sobre as condições do bairro da Saúde:

(...) em todas [as ruas] foram feitas rigorosas visitas, exigindo-se toda a sorte de melhoramentos necessários. Nas habitações coletivas, então, procurei sempre, por meio de rigorosas intimações extinguir muitas que funcionavam irregularmente, quer por falta de condições higiênicas, quer por não possuírem licença da prefeitura (CARVALHO, 1987, p. 94).

Tais condições, pestíferas e endêmicas, ganham bastante relevo na análise de sanitaristas no início do século. Para combater essas endemias, seria necessário um ataque voraz ao problema, por meio de vacinas. No entanto, a obrigatoriedade da vacina foi um foco ainda maior de contestação popular, em um episódio que ficou conhecido como Revolta da Vacina. Segundo Carvalho,

(...) os cidadãos inativos pelo critério constitucional revelavam-se então não só profundamente atentos a aspectos do exercício do poder, que lhes afetavam a vida cotidiana, como também dispostos a ir até as últimas consequências para defender o que consideravam seus direitos” (CARVALHO, 1987, p. 91).

Esta rebelião popular teve início em novembro de 1904, e se alastrou por toda a cidade do Rio de Janeiro, mas ganhou contornos ainda mais trágicos no bairro da Saúde e da Gamboa. As autoridades perderam completamente o controle da área central e do seu

entorno (os bairros acima citados), densamente habitados por grupos populares. As tropas governamentais foram sumariamente expulsas desses domínios, por mais fortemente armadas que estivessem e em perfeita ordem unida. Os becos, as demolições, as casas abandonadas, a topografia acidentada, tudo propiciava aos insurretos a oportunidade para mil armadilhas, refúgios e tocaias¹¹. A Praça Harmonia (atual Praça Coronel Assunção) foi tomada por barricadas, construídas com material de carroças, bondes, colchões, pedras, sacos de areia e fios de arame. Ainda, segundo Sevcenko, “o famoso bairro da Saúde, convertido num reduto inexpugnável, começava a mostrar-se lendário”¹². As autoridades civis e militares realizavam reuniões frequentes em que se consertavam planos de ataque àquela posição inexpugnável. Na luta contra as forças governistas, se sobressai Prata Preta, ou Horácio José da Silva, que, quando fora preso em um ataque por mar e por terra, no dia 16 de novembro de 1904, teria cedido, assim como a resistência popular do bairro. No mesmo dia 16, o governo revogou a obrigatoriedade da vacina e com isso o movimento popular refluíu até sua completa extinção. O pesquisador José Murilo de Carvalho chega à conclusão de que a motivação para a revolta popular na Saúde não foi desdobramento do “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos, pois o bairro quase não fora afetado em termos de derrubada de casas, mas sim a própria obrigatoriedade da vacina¹³.

As repercussões do movimento foram intensas. Segundo Carvalho,

(...) o jornal O Paiz refere-se a povo, populares, operários e “pobre gente explorada”, exceto o pessoal da Saúde, que seria composto por facínoras disfarçados de marítimos. Os presos no final seriam vagabundos e desordeiros (CARVALHO, 1987, p. 114-115).

Em suma, após este fugaz e tenso conflito urbano, os resquícios divulgados pela imprensa tendiam a reforçar ainda mais a imagem desgastada do perímetro em análise no imaginário coletivo da população da cidade do Rio de Janeiro, criando uma representação hegemônica negativa do morador local, ou seja, quem tinha esse espaço enquanto um lugar passou a ostentar uma estigmatização ainda maior para as autoridades e para própria população da cidade.

No transcorrer do século XX, a modernização do porto da cidade do Rio de Janeiro termina por cortar de vez a ligação dos bairros do litoral norte, agora oficialmente portuários, com o mar (RABHA, 1984)¹⁴. A origem do morador e do próprio lugar foram severamente atingidos com essa reforma, que fez com que o residente dos bairros perdesse o contato direto com o mar. Tendo sido efetuada essa intervenção no interior de lugares outrora solidamente cristalizados e topofilicamente significantes para determinados grupos sociais, à população da Saúde, da Gamboa e de Santo Cristo restou se arraigar em suas tradições e particularidades. Sendo majoritariamente portuários, de origens africanas e lusitanas, em uma mistura cultural passaram cada vez mais a se desvelar no espaço vivido, dando continuidade ao efervescente processo de construção da mitologia do lugar. Como forma de legitimar o “silêncio dos vencidos”, buscando a expressão de empréstimo à de Decca (1981), costumes

dos mesmos grupos sociais que poderiam existir em outros pontos da cidade passaram lentamente a desaparecer, por conta de cirurgias urbanísticas e intervenções no imaginário popular, operando o topocídio de lugares e implementando a proliferação de novos símbolos e valores na psicosfera da população. Nesse ínterim, a população local passou a sofrer cada vez mais com rótulos e estigmas de *outsiders*, ou dos “de fora”, que cada vez mais associavam os bairros portuários a áreas de escassez e de pobreza.

Poucas obras e empreendimentos se direcionaram para a zona portuária no transcorrer do século XX, principalmente se compararmos com o boom urbanístico e imobiliário do litoral Sul no mesmo período. O investimento em melhorias infraestruturais em uma área esteve na contracorrente do investimento em outra, configurando claramente um espaço de opulência e luminosidade e um espaço de fragilidade e obscuridade para o poder público. Esta é uma das faces perversas do desenvolvimento capitalista que tomou assento na cidade, que introjetou e tentou forjar novos espaços e lugares, em um dualismo estrutural muito veemente, que fez com que pares dialéticos coexistissem em uma única cidade, sob a administração das mesmas esferas de governo. Norteada (ou des-norteada) por este prisma, a zona portuária se pôs no manifesto como uma área residual, longe dos holofotes e do mainstream, no restante do século XX.

Nestes termos, selecionamos um logradouro que nas últimas décadas passou a viver um dualismo que vicejou não por meio das políticas públicas, mas sim em busca de um passado lendário, afixado por comerciantes, empresários e produtores culturais de um lado e de outro em uma inércia que persiste no tempo.

A diferenciação de áreas no seio da Zona Portuária

O Centro da cidade do Rio de Janeiro traz em seu bojo uma heterogeneidade bastante peculiar e característica, face à sua condição metropolitana. Tendo sido palco de inúmeros períodos marcantes nas geografias dos níveis federal e estadual, incontáveis signos e marcos ornamentam os logradouros que “cortam” cirurgicamente seu solo. Estes símbolos são parte integrante da organização espacial da própria população citadina e constituem um fator identitário de muito relevo para esta, na medida em que foi a mesma que os elegeu mediante sua condição socioeconômica, valores e de seu *status* no interior da cidade. Sob esta lógica, um espaço com múltiplas faces foi gestado e consolidado nessa área central da cidade.

Segundo Roberto Lobato Corrêa, “foram os processos espaciais os responsáveis imediatos pela organização desigual e mutável da cidade capitalista” (CORRÊA, 1995, p. 37). Sob este prisma, em complementaridade ao núcleo central da cidade, constituiu-se a zona periférica ao Centro, esta em parte ligada ao porto da cidade. Essa porção central da cidade, unindo o núcleo central à zona periférica ao Centro, apresenta articulações intensas, no que tange à utilização da infraestrutura da zona periférica pelos empreendimentos localizados no núcleo e às próprias interações espaciais dos transeuntes que circulam nesta área. Porém, ao mesmo

tempo, apresenta fragmentações, sobretudo no que tange ao tipo de uso do solo e ao *status* social da área residencial da zona periférica ao Centro¹⁵. Em relação a esta diferenciação em lugares tão próximos, Milton Santos contribui ao afirmar que “as ações hegemônicas se estabelecem e se realizam por intermédio de objetos hegemônicos, privilegiando certas áreas” (SANTOS, 2002, p. 247), desta maneira, conjecturando diferentes disposições de objetos ou fixos em espaços contíguos.

No tocante a um exame mais acurado dessas áreas de relativa obsolescência, pautado em uma análise de suas formas e funções, podemos visualizar universos de ressignificações e de persistências bastante próximos uns dos outros. As principais artérias de circulação que cortam os bairros da Zona Portuária carregam símbolos e vestígios de épocas passadas, como se remontassem parte de sua secular história nos poucos metros de extensão de suas “fachadas”. Milton Santos (2001) trabalhou o conceito de “rugosidade”¹⁶ e os bairros da Zona Portuária possuem elementos que podem ser analisados sob esse prisma. Eles não remontariam a um modo de produção pretérito, mas sim a um “modo de vida” e por intermédio de seu conjunto de fixos podemos entender a temporalidade desse cotidiano. Os marcos espaciais a que chamo de rugosidades permanecem como vestígios de tempos idos. Dessa maneira, esta espacialidade diferenciada se materializou por meio de uma construção histórica. Conforme exposto anteriormente, ao longo das experiências históricas, atores hegemônicos coordenaram e ordenaram políticas urbanas em toda a área central da cidade. Os bairros da Saúde e da Gamboa se configuraram em áreas de expurgo ou, com o decorrer do desenvolvimento capitalista na cidade, em áreas opacas e periféricas se comparadas ao seu entorno imediato.

A rua Sacadura Cabral, que recebeu este nome após o centenário da Independência brasileira, em homenagem ao aviador Sacadura Cabral que, junto a Gago Coutinho, se tornou herói ao efetuar o primeiro voo sobre o oceano Atlântico, e que tragicamente faleceria em voo solitário entre Lisboa e Londres (GERSON, 2000), pode ser um exemplo emblemático desta análise. O logradouro, que antigamente recebia a toponímia de rua da Saúde, fazendo o limite dos bairros da Gamboa e Saúde com o mar, hoje se apresenta bastante heterogêneo quanto às suas funções ao longo de seus aproximados 1.300 metros de extensão. Tal situação é observada principalmente pela mixórdia de funções de seus fixos e pelas interações espaciais dos transeuntes urbanos.

Cabe notar que o logradouro em análise apresenta diferentes movimentações no transcorrer do dia. No período diurno, geografias ensolaradas contemplam uma circulação intensa de pessoas e de automóveis ao longo de toda a rua Sacadura Cabral, tanto no trecho da Saúde – revelando um dinamismo intenso por conta da proximidade à praça Mauá – como no trecho da Gamboa, sendo caracterizada como um traçado eminentemente comercial, pleno de funções tradicionais, tipificadas como borracharias, mercados de médio e pequeno porte, bares e biroskas, oficinas mecânicas, cutelaria, hotéis de alta rotatividade, pensões,

entre outros, presentes no seu percurso total. Outrossim, a rua ostenta uma funcionalidade peculiar a uma área periférica ao Centro, no que tange às funções e às movimentações de pessoas variadas.

Em complementação ao parágrafo anterior, geografias lunares se desvelam no espaço com esplendor. Ao longo do logradouro, áreas de extrema luminosidade, conectadas a intensos fluxos de novidades e modernização, funcionam por trás de paredes que mantêm sua fachada próxima de suas características originais. Nesta galeria figuram ações de requalificação da área portuária. Nesse plano, podem ser citados exemplos, como a *boite* The Week (ver Fotos 1 e 2), inaugurada em julho de 2007, que em seus dias de maior apelo aumenta a utilização de transportes para que a música eletrônica seja ouvida por pessoas que chegam a essa casa de espetáculo de diversas direções, seja ao nível do Rio de Janeiro ou além-mar. Ao mesmo tempo, em outro extremo desse logradouro, o Moinho Fluminense (ver Fotos 3 e 4), fixo espacial que revela em sua forma e função uma das faces do Rio de Janeiro de meados do século XIX, concede uma outra tonalidade à rua concernente à geografia do trabalho e a do movimento¹⁷.



Foto 1



Foto 2

Nas fotos acima podemos perceber a variação de tons no espaço. A escuridão da noite faz com que a *boite* The Week ilumine o logradouro, no pulsar de uma intensa movimentação de transeuntes, atraídos pelo frenético *beat* da música eletrônica (Arquivo pessoal)

A superutilização do Cabaret Kaleza, nas noites de sábado e domingo, se diferencia bastante dos gigantescos estacionamentos que não são aproveitados em períodos noturnos, e ainda vigoram como característica pétria de uma zona periférica ao Centro na rua Sacadura Cabral¹⁸. Como se sabe, os estacionamentos atuam como uma espécie de estoque de terreno esperando uma futura valorização do solo urbano. Não obstante, a presença de



Foto 3

O Moinho Fluminense, situado na rua Sacadura Cabral, junto à antiga Praça Harmonia, é uma das mais belas faces do Rio de outrora. (Arquivo pessoal)



Foto 4

centenas de pessoas na escadaria da Pedra do Sal, para brindarem ao som dos mais belos sambas dos bambas de outrora, contribui para recriar a mitologia do lugar e confere uma intensa luminosidade a este ponto da rua Argemiro Bulcão, em contraposição ao ermo das ruas no outro extremo da rua Sacadura Cabral, em sua porção que cruza o bairro da Gamboa. Ainda na mesma temática, na rua Sacadura Cabral, próxima à rua Barão de Teffé, a efervescência do bar intitulado Trapiche Gamboa¹⁹ (inaugurado em novembro de 2004) – que curiosamente, contradizendo o nome do estabelecimento, se localiza inteiramente no bairro da Saúde, e é uma das casas que mais atraem público *outsider* nos fins de semana²⁰ –, constrói um contraponto interessante e faz com que pensemos estar em outro logradouro, caso atravessemos a rua Barão de Teffé em direção ao Hospital Estadual dos Servidores, uma área de reduzida circulação demográfica noturna.



Foto 5

O bar Trapiche Gamboa é, atualmente, uma das casas que mais atrai público, à procura de boa música e degustação de pratos típicos cariocas. Pela foto, que encena um momento, o diurno, vê-se a frieza desse empreendimento na rua Sacadura Cabral. (Arquivo pessoal) que se distingue da agitação noturna que ocorre no mesmo local

No decorrer dos últimos parágrafos, foram abordadas instigantes situações em que áreas se diferem mesmo estando em um único logradouro. No sentido de contribuir para a geograficidade do presente estudo, algumas ideias de um dos expoentes da Geografia do século XX foram utilizadas. O geógrafo norte-americano, Richard Hartshorne, dizia que a Geografia é a ciência da diferenciação de áreas (HARTSHORNE, 1978). Hartshorne se notabilizou por suas produções que contribuíram para a constituição de conceitos e para a cientificização da disciplina. Segundo Hartshorne,

Desde muito cedo, no discurso da evolução da humanidade, o homem descobriu que seu mundo variava acentuadamente de lugar a lugar. Para satisfazer-lhe a curiosidade acerca de tais diferenças é que a Geografia se desenvolveu como matéria de interesse popular (HARTSHORNE, 1978, p. 16).

No entanto, para Hartshorne, a Geografia iria além de relatos sobre um mero conglomerado de diferenças, no qual eruditos deveriam organizá-las e explicá-las, estabelecendo e demonstrando as relações significativas entre as variações dos diversos aspectos das áreas (HARTSHORNE, 1978). Sendo incisivo e fornecendo subsídios para o entendimento do conceito em questão, afirmou que a diferenciação de áreas não deveria ser aviltrada como um mero subconceito em Geografia, na qualidade de “interação espacial”, e sim exatamente o oposto, pois,

as variações de características estáticas, ou formas, e as variações de características de movimento, ou funções, quer na mesma área, quer entre ela e outra área, incluem-se, ambas, no conceito de variação espacial ou diferenças entre áreas (HARTSHORNE, 1978, p. 20).

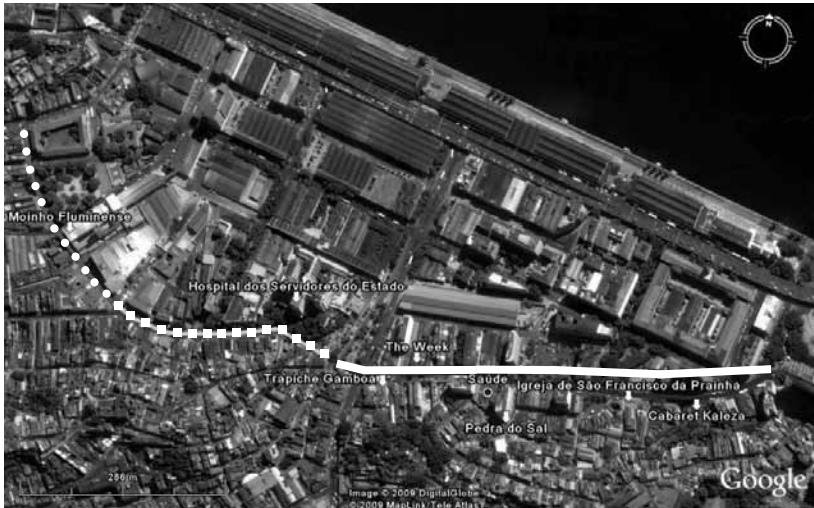
Richard Hartshorne, sabiamente, reconhece que, com a introdução do homem, o aspecto dinâmico do caráter das áreas se torna muito mais importante, pois o homem não apenas se desloca de um lugar para o outro, mas também põe as coisas em movimento. Sendo principalmente em razão destes aspectos humanos que as áreas se diferem, ou seja, por suas relações funcionais (HARTSHORNE, 1978). Se tomarmos por empréstimo as palavras de Corrêa,




As interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço [...] No que concerne às transformações, as interações espaciais caracterizam-se, preponderantemente, por assimetria, isto é, por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento do outro, ampliando as diferenças já existentes, isto é, transformando os lugares (CORRÊA, 1997, p. 280).

Mais do que conceitualmente consideram os pesquisadores acima, na rua Sacadura Cabral as diferenciações ocorrem entre seus domínios espaciais, bem como no curso do dia para a noite e ainda de um dia para o outro, como referido anteriormente. Veremos que as interações espaciais existentes nos lugares materializam a diferenciação de áreas, mediante os diferentes fluxos que ocorrem pelo espaço. A diferenciação de áreas dentro do logradouro da Sacadura Cabral ocorre sobretudo, por conta de uma valorização diferencial do espaço ou da área analisada. Alguns pontos no recorte espacial delimitado foram iniciativas promovidas por empresários, produtores culturais e indivíduos interessados em um processo de toporreabilitação, na tentativa de reviver, em um solo que carrega uma fantástica e emblemática história, os tempos de outrora.

Na fotografia a seguir, podemos localizar os variados empreendimentos citados ao longo do artigo, na rua Sacadura Cabral (Foto 6). Ainda que estes tenham movimentações intrínsecas e alternantes ao longo do dia e da noite, tentamos representar estes deslocamentos, por acreditar que suas variações seriam de extrema importância para a nossa análise. Nesta

fotografia segmentamos o logradouro em trechos, denotando os diferentes movimentos que se revelam no mesmo.



A foto 6 traz em destaque os principais pontos em análise e a segmentação do logradouro em três trechos distintos, portadores de movimentações diferenciadas. O trecho em  engloba atividades de lazer e entretenimento, o trecho em  atividades comerciais e, por fim, o trecho em  é caracterizado pela movimentação industrial. Fonte: Google Earth.

Um primeiro segmento engloba atividades de lazer e de entretenimento, sobretudo à noite, com destaque para o Cabaret Kaleza, a antológica Pedra do Sal (tombada em 1987), a casa de shows Trapiche Gamboa e a *boite* The Week, entre outros. Ainda neste segmento, a rua ganha ares mais brandos e angelicais, em torno de um dos monumentos do patrimônio público federal como a igreja de São Francisco da Prainha, tombada em 1938. Tendo sua localização próxima ao Cabaret Kaleza, o sagrado e o profano coexistem, lado a lado, em fixos de temporalidades diversas e usos distintos. O Hospital dos Servidores do Estado divide este segmento do seguinte, repleto de atividades comerciais, com destaque especial ao Supermercado 2001, de serviços, e em menor grau de residências. Na ponta extrema do logradouro, encontra-se o portentoso Moinho Fluminense (tombado em 1986), junto à antiga Praça da Harmonia, atual Coronel Assunção, delineando uma área de intensa movimentação industrial.

A construção do porvir

A Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro emerge no limiar do século XXI como um entroncamento de interesses e uma área de possíveis futuros alternativos face àqueles de tempos de outrora. Parafraseando o poeta Renato Russo, “o futuro não é mais como era antigamente”. Inúmeros fatores que se desenrolaram ao longo de um passado próximo tendem a consubstanciar esta conclusão. No dia 23 de junho de 2009, os governos federal, estadual e municipal se reuniram para anunciar o projeto Porto Maravilha, que visa refuncionalizar a

Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Para tal, com a participação de capitais públicos e privados, obras de reurbanização ocorrerão nos principais logradouros e localidades da Zona Portuária, mudando bastante o atual aspecto da área.

Por ser originalmente um logradouro situado à beira-mar, principiado nas franjas da praça Mauá, na Saúde, e terminando na praça Coronel Assunção (antiga praça Harmonia), na Gamboa, a rua Sacadura Cabral apresentou inúmeras variações de uso no decorrer das experiências espaciais. Caracterizada, inicialmente, como uma zona de concentração de pescadores, nela depois se instalaria um intenso comércio de importação e de exportação do Rio de Janeiro, de cabotagem e de longo curso, e de atuação de inúmeros trapiches e armazéns (GERSON, 2000). Embora séculos e décadas tenham decorrido, reminiscências se fazem presentes, materializadas no espaço. Estas rugosidades coexistem com inúmeros usos que intensificam a circulação de transeuntes no referido logradouro. No transcorrer do mesmo, são atualmente verificadas inúmeras obras que visam a reurbanização do traçado em foco (ver Fotos 7 e 8), reformas infraestruturais que vão ao encontro de um pensamento que já ancorou nos portos de Barcelona e Puerto Madero.



Foto 7



Foto 8

As fotografias captam as obras que estão ocorrendo na rua Sacadura Cabral atualmente, nos meses de abril e maio de 2012 (Arquivo pessoal)

Logo, a toporreabilitação exposta em parágrafos anteriores, que coloca lado a lado o novo e o antigo (tanto no que tange à questão cultural como à infraestrutural), bem como o som e o silêncio, é fruto de um determinado momento geográfico, no qual um lugar pleno de significados é alçado ao *mainstream*, (des)coabrindo valores e símbolos que novamente vicejam e são vistos pela população da cidade, turistas brasileiros ou de além-mar.

Em suma, em um logradouro pleno de simbolismos, histórias e pertencimentos, é mais do que nunca mister se achar um meio termo para combinar a recuperação do antigo com

a criteriosa introdução do novo. É necessário que, além de reformas infraestruturais, sejam estabelecidas fortes e sólidas ações que visem a permanência das atividades dos populares que fazem dos lugares da rua seu espaço de sobrevivência e existência. Ou seja, em um período de grandes metamorfoses na área, operadas por atores variados, é relevante e de extremo interesse social encontrar medidas para combinar o passado com o futuro. Alçar voos rumo à pós-modernidade reconhecendo a importância da manutenção das profundas raízes do lugar. Talvez este seja um dos principais papéis do poder público no logradouro, que junto a outros pontos da Zona Portuária, emergem como um dos principais centros de cultura da cidade no alvorecer deste século XXI.

Notas

1- Para Tuan, o lar “é a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” (TUAN, 1983, p. 3). A nosso ver, são fortes fontes de permanência, que podem ser entendidas como pausas nestas movimentações.

2- Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

3- Nestes termos, vale salientar que a Pedra do Sal surgiria mais tarde na parte mais baixa do Morro da Conceição.

4 - Ver Rabha, *Cristalização e resistência no Centro do Rio de Janeiro*, 1984, p. 79-80.

5 - Ver Gerson, *Historia das ruas do Rio*, 2000, p. 141-142

6 Expressão utilizada por Nicolau Sevcenko no livro *A revolta da vacina – Mentel insanas em corpos rebeldes*, de 1984, p. 48, para descrever o ambiente pestífero da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

7 - Ver Rabha, *Cristalização e resistência no Centro do Rio de Janeiro*, 1984, p. 92-93.

8 - Ver em Abreu, *Revolução urbana do Rio de Janeiro*, 2008, p. 42.

9 - Ver em Abreu, *Revolução urbana do Rio de Janeiro*, 2008, p. 49.

10 - Ver Sevcenko, *A revolta da vacina – Mentel insanas em corpos rebeldes*, 1984, p. 48

11 - Ver Sevcenko, *A revolta da vacina – Mentel insanas em corpos rebeldes*, 1984, p. 26

12 - Ver Sevcenko, *A revolta da vacina – Mentel insanas em corpos rebeldes*, 1984, p. 29

13 - Ver Carvalho, *Os bestializados*, 1987, p. 136.

14 Ver Rabha, *Cristalização e resistência no Centro do Rio de Janeiro*, 1984, p. 104.

15 - Ver em CORRÊA, Roberto Lobato, *O espaço urbano*, 1995, p. 43.

16 - Milton Santos expõe que “rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço” (2001, p. 173). O espaço é, portanto, um testemunho, pois ele “testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada” (2001, p. 173).

17 - Durante os dias úteis, os quase 2 mil trabalhadores do Moinho Fluminense se dividem em três turnos de trabalho (7 às 14; 14 às 22 e 22 às 6), conferindo uma movimentação constante para a área, porém, com características diferenciadas da movimentação de lazer no outro extremo do logradouro.

18 - Sobre esta característica das áreas periféricas ao Centro, ver CORRÊA, Roberto Lobato, *O espaço urbano*, 1995, p. 43.

19 - Ver fotos 6 e 7.

20 - Isto nos conduz a entender que a toponímia Gamboa assumiu expressiva luminosidade em contraste com o nome oficial do bairro, Saúde, no qual se encontra o Trapiche.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. SP: Companhia das Letras, 1990.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Interações espaciais. IN: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.

COSGROVE, D. *A Geografia etá em toda parte*. Paisagem e Simbolismo na Geografia Humana. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z.(org) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

DECCA, Edgar de. 1930: o silêncio dos vencidos. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*, 5. ed., Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

HARTSHORNE, R. *Propósitos e natureza da Geografia*. São Paulo: HUCITEC/USP, 1978.

MELLO, J. B. F. Explosões de centralidade na cidade do Rio de Janeiro. IN: MARAFON, G. J. e RIBEIRO, M. F. (orgs.) *Estudos de geografia fluminense*, Rio de Janeiro: Editora Infobook, 2002.

RABHA, N. M. C. E. *Cristalização e resistência no Centro do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova; Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (Coleção Milton Santos). São Paulo: Edusp, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina - Mentis insanas em corpos rebeldes*. Rio de Janeiro. Editora Brasiliense – Coleção *Tudo é História* nº 89, 1984.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. A view of geography. *Geographical review*, 1991.

Enviado em 29/06/2012